



INSTITUTO FEDERAL
GOIÁS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PESQUISA E INOVAÇÃO

RELATÓRIO FINAL

“Iniciação Científica: percepções e necessidades de pesquisadores iniciantes”

NOME DO BOLSISTA: Amanda Assis Silva

NOME DO ORIENTADOR/A: Rita Rodrigues de Souza

DATA DE INGRESSO COMO BOLSISTA (MÊS/ANO): Março/2012

NOME DO CURSO: Técnico de Nível Médio em Agrimensura

PERÍODO QUE ESTÁ CURSANDO: 2º ano

É BOLSISTA DE RENOVAÇÃO: () SIM (x) NÃO

JATAÍ, JANEIRO DE 2013

Estrutura do relatório final– Identificação do Projeto e Componentes;

- 2 – Introdução;
- 3 – Material e Métodos;
- 4 – Resultados;
- 5 – Conclusão;
- 6 – Perspectivas de continuidade ou desdobramento do trabalho;
- 7 – Publicações e participações em eventos técnico-científicos;
- 8 – Apoio e Agradecimentos;
- 9 – Referências Bibliográficas;
- 10 – Bibliografia;
- 11 – Apêndice.

1 – Identificação do Projeto e Componentes

Título do Projeto: Iniciação Científica: percepções e necessidades de pesquisadores iniciantes.

Bolsista: Amanda Assis Silva

Orientador/a: Rita Rodrigues de Souza

Local de execução: Câmpus Jataí

Vigência: Março de 2012 a janeiro de 2013

2 – Introdução

Este trabalho se refere ao relato de uma metainvestigação. É uma pesquisa sobre o próprio ato de pesquisar com foco nos discentes no contexto da Iniciação Científica no Ensino Médio (IC-EM) no Instituto Federal de Goiás (IFG). Apresentam-se os resultados obtidos por meio da revisão da literatura sobre o tema, aplicação de questionário, análise de currículo *Lattes* dos discentes pesquisadores de IC-EM, realização de entrevista e busca de informações nos *sites* do IFG e do CNPq.

Acredita-se que os resultados podem promover efeitos positivos na comunidade iefigeana e um significativo impacto social, pois são subsídios úteis no âmbito da Metodologia Científica. O propósito geral do projeto de pesquisa foi compreender a atividade discente do Ensino Médio Integrado (EMI), no contexto de participação em projetos de IC-EM, em um trabalho pautado na reflexão dos “fazeres” e “dizeres” dos envolvidos nessa participação.

A IC-EM consiste, basicamente, no desenvolvimento de atividade de pesquisa científica no âmbito do ensino fundamental, médio e superior – graduação, cujo objetivo principal é fomentar a Ciência e a Inovação no país, por meio da formação de cientistas. Pode-se dizer que se trata de uma ambiciosa tarefa, mas possível! Não se pode negar, contudo, que a IC-EM está configurando no cenário das políticas educacionais nos países latinoamericanos há algumas décadas. Segundo estudiosos:

A necessidade de uma alfabetização científica para todos, como, parte essencial da educação geral básica, aparece claramente refletida na maioria dos relatórios e políticas educativas [...]. Isto supõe que o processo de alfabetização científica deveria abandonar a visão meramente propedêutica das ciências e construir currículos mais atinentes com a ideia da formação de condutas para a vida. Desde este ponto de vista, o propósito é conseguir que os alunos alcancem em sua formação geral uma competência científica básica. (MELÉNDEZ; LEITON; RODRÍGUEZ, 2011, p. 2).

Uma não alfabetização científica pode causar transtornos aos envolvidos no processo. Por exemplo, quando o aluno não participa da elaboração do projeto, e por isso, não conhece muito o tema, pode gerar uma desmotivação. Seria interessante se existissem diferentes níveis de IC-EM, de modo que o estudante pudesse passar pelas diferentes fases da pesquisa científica. E poder proporcionar ao discente oportunidade para que vivenciasse as etapas de elaboração de um projeto de pesquisa. Com isso, não se quer desprezar a importância da participação discente no desenvolvimento de projetos dos professores orientadores.

É indiscutível a importância do trabalho com a IC-EM. Ferreira (2010, p. 232) destaca o quão relevante é a temática da pesquisa científica no ensino médio, e enfatiza que “é preciso compreender mais profundamente o que significa inserir esses alunos e alunas que ainda estão no ensino médio em laboratórios e/ou em grupos de pesquisa sem produzir noções ‘ingênuas’ e/ou ‘simplificadas’ acerca dos conhecimentos científicos e do trabalho dos cientistas”. (Destaques da autora.)

Não desprezando a maturidade e as características pessoais dos estudantes, de um modo geral, vê-se que há uma diferenciação de comportamentos do estudante do ensino médio e os de graduação. Isso interfere no modo de orientar, o comportamento docente precisa se adequar a cada tipo de público. Essa preocupação se deve ao fato de que as atitudes do docente poderão marcar de modo consistente a percepção do orientando a cerca da atividade de pesquisa. Às vezes, o discente pode se frustrar ou até mesmo ter uma falsa ideia do que seja fazer pesquisa científica.

Pelas leituras feitas, constatou-se que há poucos estudos sobre a IC-EM. Dos estudos encontrados, destacou-se o de Arruda (2007), em que o autor discute a respeito dos desafios da IC-EM e destaca que a inclusão do aluno pesquisador à IC-EM se inicia como um desafio. Com base nos argumentos do texto “O aluno pesquisador” (MOURA, BARBOSA E MOREIRA, 2010), acredita-se que deveriam ser adicionadas as disciplinas do Ensino Médio que propiciassem a construção de conhecimentos sobre metodologia científica. Encontrou-se também o texto “Concepções da Iniciação Científica no ensino médio: Uma proposta de pesquisa” (FERREIRA, 2003), que trata da IC-EM no contexto do programa *Provoc* (Programa de Vocação Científica), criado em 1986 pela Fiocruz. É um texto bastante rico em informações. Leu-se, ainda, o artigo intitulado “Estudos sobre Iniciação Científica no Brasil: Uma revisão” (MASSI; QUEIROZ, 2010) que evidencia a atividade de IC no contexto do ensino superior. Percebeu-se, assim, que há uma lacuna de estudos referentes à IC-EM.

Em suma, o projeto “*Iniciação Científica: percepções e necessidades de pesquisadores iniciantes*” desenvolveu-se sob os princípios científicos da pesquisa, como coleta sistematizada de dados, análise, discussão dos mesmos e socialização das considerações finais e/ou parciais, com o devido consentimento dos participantes da pesquisa de acordo com as Normas Éticas para Pesquisa com Seres Humanos, Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (CNS-MS). E os subsídios teóricos, basicamente, versaram sobre as discussões propostas no âmbito da Linguística Aplicada sobre o ensino como trabalho, fundamentadas em Bronckart (1999, 2006, 2008).

Conforme Lousada (2010), o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) tratado em Bronckart (1999, 2006, 2008) tem como pretensão apresentar uma parte do projeto do interacionismo social. Essa parte foca o papel fundador da linguagem e, sobretudo, do funcionamento discursivo da atividade discursiva no desenvolvimento humano. Aprender e ensinar são artes interdependentes que envolvem muitos ingredientes comuns, entre eles a atenção e o diálogo. Aprendiz e docente trabalham constantemente com esses aspectos, cada qual os focam de modos diferentes, porém devendo chegar ao mesmo resultado: o sucesso da caminhada.

De acordo com o que se lê em Rego (1995), o desenvolvimento do sujeito humano, nos estudos vigotskianos, ocorre a partir das reiteradas interações desse sujeito com o meio social em que vive mediadas pela linguagem e pelo outro. E, a partir do momento que internaliza os conhecimentos/conceitos socioculturais e científicos passa a atuar de forma ativa na construção de novos conhecimentos. Rego (1995, p.79) ressalta que na perspectiva vigotskiana, “o ensino escolar desempenha um papel importante na formação dos conceitos de um modo geral e dos científicos em particular.”

No entendimento das palavras de Vigotsky (2007), pode-se dizer que o processo de desenvolvimento não ocorre de forma suave e encadeada. O processo de desenvolvimento é um evento intenso, por vezes violento com características muito mais revolucionárias que evolucionárias. O novo conhecimento surge não apenas de desdobramentos de formas anteriores e sim a partir de colisões e choques que o organismo sofre ao se debater com o ambiente em busca de equilíbrio e adaptação.

É necessário o entendimento do contexto em que se propôs a pesquisa: EMI. No que se refere à integração da Educação Profissional ao EM há uma rica discussão acerca da função formativa do Médio Técnico Integrado. Na concepção de Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005, p. 31) a construção do Decreto nº. 5.154/2004, que trata sobre essa integração, traz na sua gênese a problemática que se presumia solucionar com a promulgação do mesmo: o dualismo existente no ensino médio – “destina-se à formação propedêutica ou à preparação para o trabalho?”. As interpretações, do que e como integrar, são múltiplas, porém o que se questiona é como garantir, nesse nível de ensino, a prática de uma educação que possibilite compreender a produção do conhecimento, contemplando a integração da tríade: trabalho, ciência e cultura. Para Ciavatta (2005, p. 85):

A ideia de formação integrada sugere superar o ser humano dividido historicamente pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar. Trata-se de superar a redução da preparação para o trabalho ao seu aspecto operacional, simplificado, escoimado dos conhecimentos que estão na sua gênese científico-tecnológica e na sua apropriação histórico-social. Como formação humana, o que se busca é garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador

o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política. Formação que, nesse sentido, supõe a compreensão das relações sociais subjacentes a todos os fenômenos.

A investigação sobre as atividades de pesquisa científica no EMI se torna bastante relevante devido ao contexto em que esse nível de ensino está inserido: formação técnica de cunho integral com vistas a dar uma formação consistente ao educando de maneira que esse tenha um desempenho profissional ímpar e possa continuar os estudos no nível superior com capacidade de análise, proposição de soluções e ideias inovadoras (FRIGOTTO; CIAVATTA E RAMOS, 2005).

Enfim, podem-se constatar vários benefícios da realização desta pesquisa, entre eles: a construção de conhecimentos sobre a formação de jovens pesquisadores no EM; obtenção de subsídios para elaboração de materiais de apoio, como manuais de metodologia científica, dicionários técnicos, livros didáticos entre outros que corroboram para a formação inicial e continuada de estudantes e mestres.

Passa-se, na seção seguinte, para a explicitação das fases da pesquisa.

3 - Material e Métodos

3.1 A Construção da Pesquisa

Na pesquisa realizada, obtiveram-se dados quantitativos, porém ela se fundamenta nos princípios do método qualitativo. Esse método é considerado, de modo geral, como um processo ativo, sistemático e rigoroso de investigação, no qual se tomam decisões sobre o objeto investigado (SERRANO, 1994). No método qualitativo, conforme Serrano (1994); a teoria constitui uma reflexão na e a partir da prática; tenta-se compreender a realidade e descrever o fato no qual se desenvolve o acontecimento; aprofunda-se, também, nos diferentes motivos que desencadearam os fatos e considera-se o indivíduo como um sujeito interativo, comunicativo, que compartilha significados.

Larsen-Freeman e Long (1994) argumentam que os paradigmas de pesquisa – quantitativo e qualitativo – não têm que ser rigidamente separados em dois extremos, mas podem se complementar, contudo um prevalecerá. Nesta pesquisa, predominará o qualitativo corroborado por fragmentos das respostas dos professores dadas no questionário e durante as entrevistas. Ressalta-se, entretanto, que todos os métodos de pesquisa apresentam vantagens e desvantagens, nenhum é totalmente infalível, poderosamente eficaz.

Por meio de questionários, com perguntas abertas e fechadas, aplicados aos discentes do IFG/Câmpus Jataí que tiveram projetos aprovados no Edital nº 12/2011-PROPPG, de 21 de dezembro de 2011 e também revisão da literatura pertinente ao tema, buscaram-se evidências desse trabalho. Também houve o uso de formulário, na pesquisa, que se trata de recurso útil para o trabalho de elencar as diferentes atividades técnico-científicas desenvolvidas pelo discente e registradas no Currículo *Lattes*. Além da realização de entrevistas com perguntas abertas sobre o tema.

Cassany (2008) considera que a pesquisa é um gênero e como tal pode ser aprendido, aperfeiçoado por meio da interação da comunidade em que é praticada. Gressler (2003), acerca dessa condição de ensinar e aprender sobre os caminhos da pesquisa científica, defende que os princípios da pesquisa científica devem ser cultivados já nas séries iniciais e ir sendo aprimorados ao longo da vida estudantil. Segundo Demo (2007), tanto na pesquisa como atitude cotidiana, aquela que está na vida, no cultivo de uma consciência crítica, na intervenção na realidade iniciada por meio do questionamento, quanto na pesquisa como resultado específico, que se refere a um produto concreto e localizado o professor precisa construir uma competência técnico-metodológica para auxiliar os discentes e, de início, faz-se necessário conhecer as percepções e necessidades dos discentes.

Ferreira (2003, p.119) acrescenta, também, que os docentes, principalmente da Educação Básica, devem saber que “todos os aspectos cognitivos, sociais e políticos têm de ser considerados, se quisermos entender que a orientação acadêmica é um conjunto de esforços, mais do que uma modalidade de trabalho específica”. Por isso, a importância de se realizar uma reflexão a partir dos envolvidos no processo de construção do conhecimento, iniciando, por exemplo, pelo discente e continuar, em outros projetos de pesquisa, mapeando práticas e necessidades de outros envolvidos na âmbito da pesquisa institucional.

Assim, pretendeu-se aprofundar no agir do aluno orientando em projetos de pesquisa de IC-EM no período de março de 2012 a janeiro de 2013 com a finalidade de responder: (1) Qual o perfil do aluno orientando nos projetos aprovados no Edital nº 12/2011-PROPPG, de 21 de dezembro de 2011, no IFG/Câmpus Jataí?; (2) Que percepções o aluno orientando demonstra sobre o processo de orientação?; (3) Em que consistem as necessidades do aluno orientando?.

Consonante com as perguntas de pesquisa, objetivou-se, de modo geral, compreender as percepções e necessidades do aluno orientando do Ensino Técnico Integrado do IFG/Câmpus Jataí no processo de participação na pesquisa no contexto de IC-EM. E concretizaram-se os seguintes objetivos de ordem mais específica:

- Problematicar as políticas públicas de incentivo da Iniciação Científica no Ensino Técnico Integrado;
- Contextualizar a prática de pesquisa no Ensino Técnico Integrado no IFG/Câmpus Jataí;
- Discutir, por meio de embasamento teórico do Interacionismo Sócio-discursivo (ISD), aspectos linguístico-discursivos em relação às repostas do aluno orientando à fala pedagógica;
- Preparar os instrumentos de coleta de dados, como: formulário para a coleta de informações sobre tipos e áreas dos projetos aprovados, quantidade de discentes e docentes envolvidos por área (Educação Geral/Educação Técnica) e gênero de texto que envolve a participação discente; o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE); questionário e entrevista para discentes;
- Mapear os Projetos aprovados em edital da Instituição/CNPq e executados no período de março de 2012 a janeiro de 2013;
- Contatar os discentes para compor o corpus da pesquisa;
- Inventariar os textos que subsidiam/condicionam a participação do aluno orientando;
- Aplicar questionário semiestruturado com perguntas fechadas e abertas, com a finalidade de obtenção de dados que evidenciem as percepções e necessidades do aluno orientando;
- Analisar os textos obtidos nos questionários aplicados aos discentes;
- Delinear as percepções e necessidades do aluno orientando do Ensino Técnico Integrado do IFG/Câmpus Jataí nos processos de orientação docente, conforme a área de atuação e os dados apresentados nos questionários em relação à metodologia e linguagem;
- Realizar entrevistas do tipo semiestruturada com discentes, para coleta de dados que complementem, corroborem ou contraponham os dados coletados via questionário;
- Analisar os textos obtidos nas entrevistas realizadas com discentes;
- Sistematizar os dados em forma de relatório;
- Socializar os resultados com a comunidade acadêmica.

Dos objetivos específicos propostos no projeto, só não foram cumpridos: Registrar em vídeo sessões de orientação e analisar as gravações com foco no comportamento discentes. Infelizmente, não se teve tempo hábil para realizar esse tipo de coleta de dados.

Embora, obtiveram-se dados quantitativos esta pesquisa está fundamentada nos princípios do método qualitativo. Esse método é considerado, de modo geral, como um processo ativo, sistemático e rigoroso de investigação, no qual se tomam decisões sobre o objeto investigado (SERRANO, 1994). Gressler (2003, p. 146) argumenta que “um instrumento é válido quando mede aquilo que se propõe a medir, isto é, obtém informações que realmente são necessárias para um estudo.” E, também, comenta que dados quantitativos referem-se às informações numéricas que demonstram a atuação de um determinado estudo ou fenômeno e os qualitativos são aqueles que refletem um atributo que determina a natureza de um objeto, fenômeno ou pessoa, em termos de eficiência, habilidades, atitudes.

A pesquisa realizada caracteriza-se, ainda, como um estudo de caso do tipo análise situacional, já que se refere ao estudo de um caso particular: um câmpus do IFG e delimitação da categoria discente. Segundo Severino (2007a), um estudo de caso precisa ser necessariamente representativo de um conjunto de casos análogos. Para conferir fiabilidade ao processo da pesquisa optou-se para a coleta de dados o uso do preenchimento de formulários, aplicação de questionário e da realização de entrevista.

A seguir, apresenta-se o questionário aplicado aos discentes:

Questionário

Resumo do projeto: Este estudo visa à compreensão do agir discente do Ensino Médio Integrado, no contexto de projetos de Iniciação Científica. Ele está pautado na reflexão dos “fazer” e “dizer” dos discentes envolvidos na pesquisa científica. Este trabalho favorecerá o melhor entendimento da Iniciação Científica na vida acadêmica de jovens pesquisadores do IFG/Câmpus Jataí.

Sexo: () Masculino () Feminino

Idade:

Sua participação será muito valiosa para a nossa pesquisa.

1. O que é Iniciação Científica (IC) para você?

2. Você já teve experiência com a IC? () Sim () Não. Caso sim, comente como foi a sua experiência.

3. Comente sobre o projeto de IC que você está desenvolvendo.

4. Quantas horas semanais você dedica a sua pesquisa?

() 2 horas () 3 horas () 5 horas ou mais

5. Enumere o que você já aprendeu sobre IC até esse momento de execução do projeto.

6. Você gostaria de ter uma disciplina de Pesquisa Científica? () Sim () Não. Comente.
7. Você tem costume de atualizar seu currículo *Lattes* com frequência? () Sim () Não. Por quê?
8. O desenvolvimento do seu projeto de pesquisa caminha conforme o planejado? Explique expondo seu ponto de vista sobre as etapas do projeto.
9. Em sua opinião, qual a importância das formações complementares como palestras, cursos etc.?
10. O IFG/Câmpus Jataí oferece uma comodidade para as sessões de orientação? O que você sugere?
11. O que você pensa a respeito do aprendizado de um aluno que pratica pesquisa científica?
12. Você acha que o IFG tem atendido a demanda de alunos-pesquisadores?

"Muitas coisas não ousamos empreender por parecerem difíceis. Entretanto, são difíceis porque não ousamos empreendê-las." (Sêneca)

Obrigada por sua participação!!!

Quadro 01: Questionário aplicado aos discentes.

Foram doze questões, sendo que cinco delas solicitam ao discente uma justificativa ou comentário. O intuito desses questionamentos foi propiciar aos participantes um momento em que pudessem expressar sobre a atuação deles na IC-EM e, por meio das respostas, buscar subsídios que ajudassem a construir conhecimentos sobre essa modalidade de pesquisa.

Em relação ao questionário, foi escolhido como instrumento de coleta de dados por ser um dos mais utilizados, pois possibilita medir com melhor precisão o que se deseja. Todo questionário deve ter natureza impessoal para assegurar uniformidade na avaliação de uma situação para outra. A vantagem do questionário em relação à entrevista é que devido ao anonimato os respondentes se sentem mais confiantes, o que possibilita coletar informações e respostas mais reais. Eles podem ser compostos por perguntas fechadas ou abertas. As perguntas fechadas são padronizadas, de fácil aplicação, codificação e análise. As perguntas abertas embora possibilitem coletar dados mais ricos e variados apresentam mais argumentos (SEVERINO, 2007a; MARCONI; LAKATOS, 2006).

Gressler (2003), no entanto, aponta como desvantagens para o uso do questionário a dificuldade de se obter a devolução, incapacidade do questionado para dar informações, influência do questionário sobre o respondente e a dificuldade de interpretar as respostas. A partir das respostas obtidas no questionário, organizou-se um roteiro de entrevista, o qual se encontra a seguir:

1. Você conhece o PIBIC por ser bolsista ou já conhecia esse programa antes? E o que te motivou a participar do PIBIC?
2. Você acha que o CNPq é justo nas escolhas de projetos? O período da bolsa é suficiente para a realização do projeto?
3. Como você relaciona a leitura dos textos teóricos com a sua pesquisa? Qual o papel do orientador nesse processo de leitura?
4. Comente sobre sua participação em palestras e cursos oferecidos dentro ou fora da instituição. Como você transforma essas participações em dados para o seu Currículo Lattes?
5. É importante ter compromisso com as sessões de orientação? Você encontra muitas dificuldades em fazer o relatório mensal? Comente.
6. Como você se avalia como bolsista?

Quadro 02: Perguntas de entrevista.

As seis questões da entrevista foram pensadas com vistas a possibilitar aos entrevistados mais um contexto para que pudessem expressar sobre a atuação deles na IC-EM, cujos comentários pudessem complementar as respostas dadas no questionário ou até mesmo corroborá-las. Trata-se de uma conversação orientada com o propósito de obter informações para uma investigação e dos vários tipos de entrevistas existentes utilizar-se-á a semiestruturada ou focalizada, que segundo Gressler (2003, p. 165) "é constituída em torno de um corpo de questões do qual o entrevistador parte para uma exploração em profundidade", buscando informações relevantes sobre o tema abordado. E, segundo Bolzan (2002, p.14), "no transcorrer de uma conversação, os indivíduos têm oportunidade de dizer tanto seus entendimentos, quanto seus mal-entendidos."

Precedente ao trabalho de aplicação do questionário e da realização da entrevista houve o esclarecimento dos discentes acerca da pesquisa. Na ocasião, apresentou-se a cada participante o seguinte termo de consentimento:



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(Em acordo com as Normas Éticas para Pesquisa com Seres Humanos [Resolução 196/96] do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde [CNS-MS])

Prezado (a) Sr (a),

Cabe a nós, convidá-lo (a) a colaborar com a atividade de coleta de dados referente ao projeto de pesquisa Iniciação Científica: percepções e necessidades dos pesquisadores iniciantes do IFG/Câmpus Jataí em resposta ao Edital nº 06, de 02 de agosto de 2011, da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação do Instituto Federal de Goiás (ProPG/IFG).

Para participar da coleta de dados, o (a) Sr (a) deve estar consciente de que:

1º. A sua participação será mantida anônima em toda a pesquisa e em qualquer circunstância pública em que os resultados da investigação vierem a ser apresentados.

2º. Pode recusar-se a participar da atividade ou afastar-se dela em qualquer momento.

3º. A coleta de dados refere-se à participação em uma entrevista.

4º. Não será exposto(a) a qualquer tipo de situação vexatória ou que cause prejuízo moral e/ou econômico-financeiro.

5º. Razões de ordem técnica e/ou administrativa podem impedir a conclusão da atividade. Neste caso, solicitamos que o(a) Sr(a) preencha o questionário novamente em outro momento.

6º. O (A) participante terá acesso em qualquer momento da pesquisa:

6.1. às pesquisadoras responsáveis pela pesquisa por e-mail para esclarecimento de dúvidas sobre os procedimentos, riscos, benefícios, etc., ou para solicitação das respostas fornecidas pelo(a) Sr(a) no questionário;

6.2. aos resultados atualizados da pesquisa, caso opte no momento da coleta de dados pelo recebimento do relatório final no seu endereço eletrônico.

7º. A adesão ao presente Termo, caso venha a ser aceito pelo(a) Sr(a), oficializa a relação de colaboração proposta, nas condições em que foi apresentada. Deste modo, tendo sido feita a leitura do Termo e estando o(a) Sr(a) ciente e de acordo com o conteúdo declarado no mesmo, confirme o seu aceite.

Resumo do projeto: ()

Responsável/Ciente:

Data:

Quadro 03: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Como parte material da investigação consta de um histórico e questionamento da IC-EM, passa-se a essa temática na seção seguinte, começando por um pouco da história do IFG/Câmpus Jataí.

3.2 Histórico: IFG/Câmpus Jataí e IC-EM

Como um dos instrumentos de coleta de dados, usou-se a investigação do contexto “histórico” da pesquisa em IC-EM, desde o âmbito institucional ao panorama nacional via CNPq. O IFG teve suas raízes firmadas na cidade de Jataí - GO em 18 de abril de 1988, como uma unidade da então Escola Técnica Federal de Goiás, cujo foco era somente o ensino técnico integrado ao Ensino Médio. Contudo, não na modalidade defendida por Ciavatta (2005), pois o discente cursava o Ensino Médio regular, naquela época, denominado 2º grau, e optava pela complementação das matérias técnicas no contraturno.

Após onze anos de construção histórica como Escola Técnica Federal de Goiás/Câmpus Jataí, em 1999, passa a Centro Federal de Educação Tecnológica — CEFET-GO — e assume novas demandas sociopolíticas e educacionais. Começa, a partir desse momento, a oferecer aos jovens de Jataí e região cursos superiores de bacharelado, licenciatura e tecnologia.

Em consonância com as transformações na Educação Brasileira, o CEFET-GO vive outra mudança no final de 2008. Com a Lei nº. 11.892 de 29 de dezembro de 2008, que instituiu a rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, e transforma-se, desde então, em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Jataí. Várias foram as implicações para o funcionamento da instituição em decorrência da aplicação dessa Lei: autonomia administrativa, financeira e pedagógica, com desenvolvimento de atividades características do tripé ensino, pesquisa e extensão. Desta forma, equipara-se à configuração das universidades.

Hoje, com 24 anos de História, o IFG/Câmpus Jataí compõe a Rede dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia oferecendo à comunidade, regularmente, cursos superiores — Licenciatura em Física, Bacharelado em Engenharia Elétrica, Engenharia Civil (a partir de 2013) e Tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de Sistemas —, e 50% das vagas para os cursos técnicos nas modalidades: integrado nos cursos de Agrimensura, Edificações, Eletrotécnica e Informática com entradas até 2012 e a partir de 2013 somente para os cursos de Edificações e Eletrotécnica; subsequente em Agrimensura e Educação de Jovens e Adultos na modalidade PROEJA-Edificações.

Conforme se encontra no *site* do IFG/Câmpus Jataí, a instituição apresenta como principal missão formar um profissional que atue como um cidadão de bem e transforme para melhor a sociedade em que vive. Assim, a comunidade acadêmica desse câmpus “trabalha com a perspectiva

da formação integral de seus alunos, procurando oferecer, além de um sólido conhecimento na área tecnológica, uma formação humanística e reflexiva”.

As atividades de pesquisa científica desenvolvidas no âmbito do IFG estão sob a responsabilidade da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Esse é o órgão administrativo do IFG responsável pela execução e gestão da política institucional referente à pesquisa e pós-graduação. Assim, cabe a esta Pró-Reitoria coordenar ações envolvidas com os programas de iniciação científica e tecnológica e o incentivo e apoio aos projetos de pesquisas dos servidores do IFG, por meio do Programa de Apoio à Produtividade em Pesquisa - ProAPP/IFG, bem como às iniciativas voltadas à implementação de programas de pós-graduação. Além destas ações esta Pró-Reitoria é responsável pelo controle, apoio e orientação legal aos docentes que se afastam a serviço da instituição para se capacitarem, no país ou exterior, ficando sob sua responsabilidade a gerência das modalidades de bolsas de capacitação (PIQS e PIQDTEC/CAPES).

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC e PIBIC-Af) o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI), são programas voltados para o aluno e se destinam a complementar o ensino, oferecendo a eles a oportunidade de descobrir como o conhecimento científico e tecnológico é construído. Esse objetivo é conseguido pela participação do estudante nas atividades teóricas e práticas no ambiente de pesquisa. Essa vivência possibilitará ao aluno ver e entender o mundo sob o prisma da ciência. Para tanto, é necessário que professores/pesquisadores dediquem parte de seu tempo ao ensino conceitual e prático da pesquisa ao estudante.

Conforme se encontra no *site* do CNPq, a bolsa de Iniciação Científica é uma modalidade concedida pelo CNPq desde sua fundação em 1951. O principal objetivo da bolsa era, inicialmente, despertar jovens talentos para a ciência. Ao longo do tempo, os objetivos dessa modalidade foram ampliados e diversificados. Atualmente, a Iniciação Científica é concedida por meio de programas institucionais via Chamadas Públicas de propostas lançadas periodicamente. Essa agência do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), tem como principais atribuições fomentar a pesquisa científica e tecnológica e incentivar a formação de pesquisadores brasileiros. O CNPq, desde a sua criação, desempenha papel primordial na formulação e condução das políticas de ciência, tecnologia e inovação. Sua atuação contribui para o desenvolvimento nacional e o reconhecimento das instituições de pesquisa e pesquisadores brasileiros pela comunidade científica internacional.

Os programas voltados para os estudantes do Ensino Médio e Fundamental são: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio - PIBIC- EM; Programa de Iniciação Científica da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas - PIC-OBMEP e Programa de Iniciação Científica Júnior – ICJ. Segundo informações obtidas no site, o PIBIC- EM visa o desenvolvimento de projetos de educação científica com estudantes do Ensino Médio. Apresenta como objetivos: fortalecer o processo de disseminação das informações e conhecimentos científicos e tecnológicos básicos, e desenvolver atitudes, habilidades e valores necessários à educação científica e tecnológica dos estudantes.

A bolsa, geralmente, tem a duração de 12 (doze) meses (se implementada a partir do primeiro mês de vigência do processo institucional) com início em 1º de fevereiro. Essa bolsa de Iniciação Científica para o estudante de ensino médio corresponde ao valor constante na Tabela de Valores de Bolsas no País. Os requisitos, para que as instituições participem como parceiras, são: já tenham PIBIC e/ou PIBITI; serem escolas de nível médio, públicas de ensino regular, escolas militares, escolas técnicas ou escolas privadas de aplicação. Também, participem da Chamada Pública de propostas para o processo de inscrição que ocorre no segundo semestre de cada ano, em geral, entre os meses de agosto e setembro. A Chamada é publicada no item Editais da página do CNPq.

Em relação aos pesquisadores, solicita-se que: esteja vinculado à instituição de Ensino e/ou Pesquisa que participe do PIBIC ou PIBITI; desenvolver pesquisa científica, e ser, preferencialmente, bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e participe em processo de seleção realizado em sua instituição de vínculo. Esteja atento aos prazos estipulados em sua instituição. No que se refere aos estudantes exige-se que curse ensino médio em instituições que participem do programa, e participar regularmente das atividades do programa. E procurem, em sua área de interesse, um pesquisador que esteja disposto a integrá-lo em sua pesquisa e a orientá-lo.

Uma das questões importantes na IC-EM é a relação: orientador – orientando. A essa “questão do relacionamento pessoal como algo que condiciona as atitudes de uns e de outros, [...], porém, é do nosso ponto de vista importante lembrar que devemos encarar a orientação acadêmica como uma relação totalmente construída no processo” (FERREIRA, 2003, p. 119). Mas, como destaca Ferreira (2003) o ato de orientar vai mais além do processo ensino-aprendizagem de conteúdos e habilidades, há também o desenvolvimento de atitudes de valorização do ser humano, valores como a ética e o

respeito. Tendo em vista os dados apresentados, inicia-se na próxima seção uma síntese da produção acadêmica dos discentes participantes da pesquisa, bem como do posicionamento deles frente ao trabalho de orientação.

4 – Resultados

Os resultados e discussões apresentados neste trabalho resultam da leitura dos dados obtidos por meio da análise do Currículo *Lattes*, questionário e realização de entrevista com os discentes participantes de IC-EM. Iniciam-se com apresentação dos dados do Currículo *Lattes*.

4.1 Análise do Currículo *Lattes*

Foram analisados sete currículos *Lattes* dos discentes pesquisadores do IFG/Câmpus Jataí. Eles foram citados, no corpo do texto, como participantes: A, B, C, D, E, F e G. Quanto ao período de atualização do *Lattes*, todos fizeram a última atualização em 2012, sendo todos no primeiro semestre, quatro no mês de janeiro e três no mês de março. Todos estão cursando o ensino técnico de nível médio. No que se refere à formação complementar, como participações em minicursos e cursos, quatro alunos não possuíram nenhuma, e os outros três possuíam alguma formação extracurricular. O Aluno B, com três formações concluídas entre os anos 2007 e 2011; o aluno C, com quatro, todas concluídas no ano de 2011, e o aluno G com uma formação, concluída em 2009. Esses dados apresentados podem ser sintetizados na figura um:

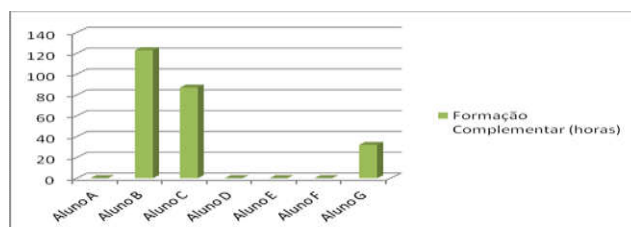


Figura 01- Formação complementar a partir do currículo *Lattes*.

Em relação à produção bibliográfica, apenas o aluno G possui este tipo de produção. Os alunos A, B e C contam com informações curiosas em seus currículos, sendo que o A participou do Concurso de Redação “Goiás na Ponta do Lápis”, projeto do Jornal Tribuna do Trabalho e ganhou em primeiro lugar. Os alunos B e C ganharam certificado de Excelência do Instituto Presbiteriano Samuel Graham, sediado em Jataí - GO, pelo excelente desempenho e dedicação aos estudos em 2010.

Quanto à participação em eventos, pode-se constatar que o aluno pesquisador G se destaca em relação aos demais, conforme se verifica na figura dois. Isso se deve ao importante fato de que ele já participou de um projeto de iniciação científica anteriormente, o que lhe proporcionou a participação em vários eventos científicos.

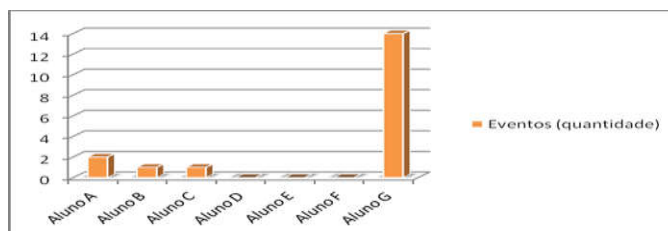


Figura 02 - Participação dos alunos em eventos.

Por esses dados obtidos por meio do currículo *Lattes* e comparando a produção dos discentes, pode-se afirmar que há uma tendência de uma produção técnico-científica e cultural maior quando se participa de Projetos de IC, principalmente, atividades científicas.

Na seção seguinte, serão apresentados os dados relativos aos questionários aplicados.

4.2 Análise dos questionários

Aplicou-se um questionário a seis dos discentes, dos quais cinco devolveram. Como um dos alunos está diretamente envolvido na coleta e análise de dados ele permaneceu como pesquisador. Os alunos orientandos receberam as denominações de A, B, C, D e E que foram utilizadas para

exemplificar os comentários. Os textos dos discentes foram minimamente corrigidos quanto ao uso da linguagem, porém preservando o conteúdo expresso por eles.

Dos participantes quatro alunos são do sexo feminino e apenas um do sexo masculino. A maioria dos alunos tem entre quinze e dezesseis anos, apenas um aluno fora dessa faixa etária, com dezenove anos. Os alunos apontam que a IC é o desenvolvimento de uma pesquisa, orientada por um servidor da escola ou por professores/orientadores, com o intuito de investigar um determinado tema. Como demonstra, por exemplo, os alunos: “B: Iniciação científica é uma pesquisa realizada por determinado aluno, que é orientado por um professor, e essa pesquisa abrange não só disciplinas escolares como quaisquer outros temas.” E para “C: Iniciação científica é um incentivo à pesquisa, patrocinado pela escola, que visa estimular a curiosidade crítica e o conhecimento dos alunos.”

A maioria dos alunos está tendo experiência com a IC pela primeira vez. Apenas um aluno é experiente nessa modalidade de pesquisa e contou um pouco sobre, que é o aluno “D: É uma experiência muito boa, abriu oportunidade de aprender “coisas” diferentes e ter mais vontade de continuar na área, pesquisando.”

Cada aluno comentou como está sendo o desenvolvimento de seu projeto e um pouco sobre o tema abrangente. Por exemplo, observe o que o aluno A comenta: Meu projeto consiste em investigar o professor orientador e todas as suas particularidades. Conhecendo a IC e fazendo certos questionamentos. Em sua maioria, os alunos dedicam cinco horas ou mais em seus projetos, porém alguns dedicam um tempo menor. Observe a figura três:

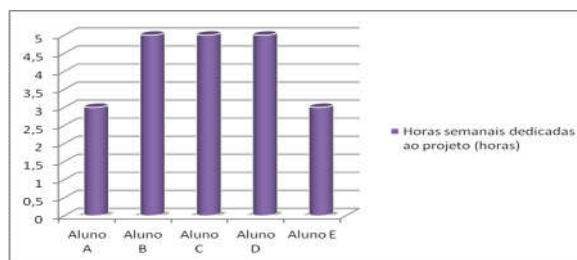


Figura 03 - Dedicção ao projeto.

Na enumeração do que está em desenvolvimento nos projetos, os alunos comentaram com ênfase sobre a dedicação que deve ser exercida pelos mesmos, principalmente no levantamento de dados, como mostram os alunos:

- A: - Princípios, desenvolvimento, metodologias do IC; - Histórico no âmbito institucional; - Tipos de pesquisa, estudo de caso e etc.; - Coletar, organizar e analisar dados.
B: - Burocracia; - Aplicação de questionários; - Revisões bibliográficas.
E: - É necessária bastante informação para ter um bom objetivo; - Paciência; - Dedicção; - E procurar ter o máximo de dedicação para buscar informações e ter um resultado positivo.

Todos os alunos concordaram que deveria haver uma disciplina de Pesquisa Científica, justificando que o desenvolvimento escolar e o profissional podem melhorar. Apenas um ficou em dúvida no seu comentário, que foi o aluno “E: Não, pelo fato de acrescentar mais matérias, e pela dificuldade. E sim, porque é legal e ajuda com vários quesitos.”

Quanto ao uso do Currículo *Lattes*, vários alunos alegaram que não têm muito que atualizar frequentemente, mas acham importante seu uso no cotidiano escolar e também na vida profissional. Observe os comentários dos alunos C e D, respectivamente: “Não muda “muita coisa” no meu currículo normalmente.”, “Sim, é a partir dele que surgem as grandes oportunidades de emprego.”

Segundo os comentários dos alunos pesquisadores, o desenvolvimento dos projetos de pesquisa de todos eles caminha conforme o planejado. Alguns, inclusive, já estão ultrapassando o cronograma para melhor aprofundamento do tema, como os alunos a seguir citaram: “B: Sim, estamos seguindo o planejado, inclusive estamos até certo ponto adiantados em relação ao cronograma.” E para “C: Sim, o desenvolvimento está dentro do prazo, tudo está sendo feito corretamente.”

Referente à importância das formações complementares, como palestras, cursos etc., todos responderam que são de extrema importância para um aprendizado melhor, mesmo não envolvendo a área do seu projeto ou escolar, fazendo com que se adquiram conhecimentos e que o aluno seja

mais reconhecido no ambiente acadêmico, como comentam os alunos: “A: O envolvimento em eventos mostra que o aluno é participativo e se preocupa em aumentar seu conhecimento e capacitação profissional.” Já para “D: O conhecimento adquirido através de pessoas que entendem bem algo é ótimo, porque você acaba se destacando em relação aos demais “colegas”.

Todos os pesquisados acreditam que não há boas acomodações, no Câmpus Jataí, para as sessões de orientação, pois não há lugar específico para a realização do estudo do projeto, que é realizado no mínimo uma vez por semana. Sugerem, de modo crítico, que seja feito ou que tenha um lugar específico para essas sessões, e que tenham ferramentas, como computador, que são de uso essencial para o aluno, juntamente com o professor/orientador. Assim retratam:

C: É uma (!). Não temos um local próprio para as sessões de orientação, nem os espaços e materiais necessários. Sugiro áreas próprias para esses encontros e a compra de materiais.

E: Uma sala específica, para que possamos pesquisar o que necessitamos. E pelo menos três computadores à disposição.

O aprendizado oferecido é de ótima procedência, conforme relataram os alunos pesquisadores, desenvolvendo pensamentos críticos, responsabilidades, maior conhecimento e várias características que evidenciam o estudo do projeto, que auxiliam o aluno até mesmo na sala de aula. Comentários de B: Eu acho que é um aprendizado extra que impõe responsabilidade, além de conhecimento sobre diversos assuntos; e, os D: Excelente! Tem mais maturidade e responsabilidade com as coisas.

Em relação à capacidade de atendimento do IFG/Câmpus Jataí à demanda de alunos que queiram participar de projetos de IC, os alunos se mostraram críticos e conscientes da realidade estrutural da instituição. E mostraram seu ponto de vista, explicando assim a falta de materiais que os prejudicam. Como se pode observar nestes comentários:

A: Não. A estrutura do Câmpus, apesar de ser a melhor da região, não atende todas as nossas necessidades, nem básicas, nem relacionadas ao curso, muito menos quanto a IC.

E: Não. Porque às vezes precisamos de gravador, para fazer uma entrevista e não tem como, porque a escola não oferece esse recurso.

Pelas respostas dos discentes ao questionário, pode-se constatar que eles estão engajados no processo de orientação; apresentam perspectivas positivas no que tange à prática de IC-EM na instituição e participação em atividades complementares; são criteriosos quanto à infraestrutura para realização de pesquisa científica e mostram-se cientes do compromisso que devem ter.

A seguir, serão apresentados fragmentos das respostas dos discentes conforme a entrevista transcrita e respectiva análise.

4.3 Análise da entrevista

As entrevistas foram realizadas com seis discentes pesquisadores/bolsistas do IFG/Câmpus Jataí, descritos por: A1, A2, A3, A4, A5 e A6. Para melhor compreender os dados, observe no quadro com os códigos usados na transcrição e as transcrições completas nos Apêndices A e B respectivamente. A partir das entrevistas, pôde-se observar que os entrevistados A1, A4 e A6 tiveram conhecimento do PIBIC-EM antes de participarem como bolsistas. Ressalta-se que somente A4, de todos os participantes dessa pesquisa, já teve experiência com a Iniciação Científica (IC). Esses três discentes declararam que obtiveram informações sobre esse programa por meio de palestra e conversas com colegas que já participavam do programa, como se pode constatar na fala de A1:

Eu já conhecia antes, **no primeiro** ano... || **no primeiro** contato que **eu** tive com a escola ||, nas palestras e *tal*, eles falaram desse programa e **eu** me interessei muito e aí, depois **eu**... || **eu** resolvi me tornar bolsista porque **eu** queria || ter esse complemento no meu currículo e *tal* e || ia ser uma ótima oportunidade pra mim.

Os discentes A2, A3 e A5 declararam que só conheceram o PIBIC-EM a partir do momento em que foram convidados e começaram a participar do mesmo, como confirma A5: “Na verdade eu não conhecia o PIBIC-EM antes de ser bolsista. E quem me motivou foi a minha mãe que trabalha na instituição e disse que era uma boa oportunidade pra me aprimorar... também por causa da bolsa e foi assim, por esse motivo. “A motivação para participar da IC-EM é bastante diferente de cada discente. É possível depreender como motivos “o aprendizado, a melhora do currículo, o incentivo de familiares, amigos e a bolsa”, como alegou o pesquisador A5 e complementa A4:

Eu conheço o PIBIC há... || quando eu comecei em 2009, eu tinha vontade de ser bolsista de depois... que eu entrei no projeto eu conheci mais um pouco. O que me motivou foi... ter novos conhecimentos e trazer para as pessoas o conhecimento que a gente quer aprofundar.

Todos os alunos entrevistados acreditam que o CNPq é justo nas escolhas dos projetos. Em relação ao tempo para a execução do projeto, A1, A2, A3 e A6 analisaram que o período de 11 meses um ano é suficiente. Já A4 e A5 pensam que isso é relativo, depende do caráter do projeto e que nem sempre o tempo previsto é satisfatório, ou seja, varia conforme a extensão do projeto. Veja os dizeres de:

A4: Eu acho sim que é justo pelos projetos que... visa a um novo conhecer as pessoas e... eu acho que o período dele depende do projeto. Tem projeto que você precisa de mais tempo pra ser desenvolvido e tem projeto que dá pra ser desenvolvido antes do tempo dado, então isso é relativo.

A5: Existem muitos projetos interessantes que são meio que... desconsiderados, mas eu acho um pouco justo sim... || os que são escolhidos, são sempre bons assim, sabe... || interessantes. E o período da bolsa não acho que seja muito suficiente pra realização, porque uns são bens grandes, bem extensos, cansativos e as vezes, não dá certo.

Os discentes acreditam que seja de extrema importância os textos teóricos para melhor entendimento da própria pesquisa, e o orientador entra como um mediador para tirar dúvidas e auxiliar na compreensão dos textos, ou seja, para fazer com que o orientando entenda da melhor forma possível, aquilo que lhe foi dado para estudo. E possa aplicar na pesquisa que está sendo realizada. O comentário de A6 ilustra bem o pensamento dos demais participantes:

Bom... a revisão bibliográfica, ela é de **suma importância** pra realização da parte prática do projeto, pra... você ter uma base, é... um ponto de partida, na verdade, então é... ela é **muito importante**. E o mesmo, o orientador, ele também é **muito importante** para auxiliar e pra tirar algumas dúvidas que nós que estamos começando no projeto científico, que nunca tínhamos feito antes, algumas dúvidas que são frequentes e que... o orientador tem esse papel de...|| buscar a melhor solução e de nos...é, nortear por esse caminho.

Todos os entrevistados alegaram que participam de eventos como: palestras e cursos oferecidos dentro ou fora do IFG/Câmpus Jataí. Mas A1 e A2 demonstram uma perspectiva de valorização do currículo, de atualização do mesmo, como diz A1:

Bom, **eu** conheci o currículo Lattes quando **eu** me tornei bolsista do PIBIC, então faz pouco tempo, faz menos de um ano que **eu**, é...|| atualizo o meu currículo... E as palestras e cursos é || todos que **eu** posso participo e ... **eu** tenho muito já e **eu**... procuro atualizar sempre meu currículo Lattes com esses cursos e os de fora...|| **Eu** faço curso de inglês e **eu** também tento atualizar de acordo com o que **eu** sinto melhor da || língua.

Os demais A3, A4, A5 e A6 demonstraram saber da importância do currículo, porém não o atualizam mesmo tendo participado em eventos. Justificam isso, seja porque perderam os certificados, ou por outro motivo qualquer. Acreditam que é importante colocar no currículo Lattes, mas não atualizam, como se pode ver em A5 e A6, respectivamente:

Eu costumo participar bastante de palestras e cursos oferecidos aqui, porque **eu** acho que é interessante, e assim... é uma oportunidade pra gente mesmo. Agora como **eu** transformo no currículo Lattes, é uma coisa meio assim... rsrs é **eu** vou ser sincera, **eu**... não coloco no currículo, **eu** não coloquei ainda no meu currículo, porque **eu** não peguei nem mesmo os comprovante que **eu** tava lá, então é meio que... acho que precisa de um comprovante de que **eu** tava lá mesmo, sabe... certificado... pra poder colocar lá.

A minha **participação** é... em palestras e cursos oferecidos pela instituição, ela é... **eu participo** sempre com que **eu** tenho tempo, assim... que dá pra adequar, é, o meu estudo a **participação**. Que as vezes as palestras é um horário que tem aula, então as vezes não dá pra **participar**, mas **eu** busco sempre que dá, que dá pra

participar, eu busco || tá **participando**, porque **eu** acho que é importante pro currículo e até o momento, **eu** ainda não registrei essas palestras, essas...**participações** no meu currículo, mas **eu** pretendo sim, preencher, é.. essa parte no currículo.

Acerca do compromisso com as sessões de orientação, todos os discentes declararam que é de suma importância a assiduidade e o empenho em realizar as atividades prévias ao encontro, conforme A5. E dos seis entrevistados, somente A4 afirmou ter sentido dificuldades, inicialmente, para elaborar o relatório mensal¹. Veja os depoimentos:

A5: É muito importante ter compromisso com os horários, as sessões porque é um, uma hora que a gente resolve os problemas, que a gente junta pra ver o que vai acontecer, o que vamos fazer... É... || o jeito que cada um vai separar os horários, ver o que que a gente tem que fazer também, tudo isso é muito importante. E...|| eu não encontro muitas dificuldades em fazer o relatório, mas é.. as vezes fica um pouco repetitivo, o relatório porque... porque a gente acostuma, como que eu posso dizer, que... a gente costuma é... || ter algumas dificuldades assim no projeto e que colocar todas elas no relatório, as vezes fica muito... repetitivo, como eu falei né?!

A4: É... || eu acho muito importante a gente ter orientação, eu tenho orientação semanalmente com a minha orientadora. Tem dia que é diariamente a gente se encontra, conversa a respeito do projeto e sobre o relatório mensal, eu não tenho dificuldade. Eu tinha no início quando eu comecei, nos meus primeiros projetos, mais agora não tenho dificuldade nenhuma.

A autoavaliação dos alunos pesquisadores foi altamente positiva. Todos enumeraram suas qualidades, das quais se destacam: assiduidade às sessões de orientação; cumpre todas as atividades propostas no cronograma do projeto e as sugeridas pelo orientador (leituras, resumos, aplicação de questionários etc.); apresentação de postura crítica; é responsável; demonstra esforço; compartilha conhecimentos e busca se adequar às situações, como comentam A2 e A6, respectivamente: “Não me avalio, apenas tento dar o máximo de mim”. “Como bolsista, eu tento sempre cumprir, é... da melhor forma possível que me foi proposto, só que as vezes por indisponibilidade de tempo, é... alguns... algumas... coisas que eu tenho pra fazer, elas são adequadas de acordo com a minha disponibilidade ||. Então é... agente entra em acordo nessa parte aí... então, eu acho que como bolsista, é... eu sou... é... eu tento agir da melhor forma possível com responsabilidade, então é... é isso”.

Como contribuições dos jovens pesquisadoras, nesta etapa da pesquisa, podem-se elencar: a visão crítico-reflexiva demonstrada nas respostas delas acerca do próprio trabalho desempenhado pelo orientando; o reconhecimento, por parte de alguns, das dificuldades relacionadas com o tempo geral de execução da pesquisa e de cumprimento da carga horária semanal devido à sobrecarga de atividades decorrentes de outras demandas acadêmicas; a valorização das sessões de orientação, das leituras e discussões; não veem dificuldades na escrita do relatório.

A análise, apresentada na próxima seção, sintetiza as contribuições a partir do embasamento teórico.

4.4 Análise a partir da ISD

Segundo Bronckart (2006, 2008), a ISD fundamenta trabalhos teóricos e empíricos que se desenvolvem em três níveis de abordagem do interacionismo social, a saber: (1) pré-construídos, (2) as mediações formativas e (3) transformação e desenvolvimento. No trabalho realizado, para cada um desses três níveis evidenciou-se que:

- (1) no uso do questionário, as estruturas textuais empregadas nas respostas permitiram a construção de sentido e a apreensão de relevantes subsídios para a pesquisa em questão. Isso foi possível comparando as respostas e agrupando os elementos/informações recorrentes e o que se diferenciava entre as respostas. Também, no estudo do histórico da IC-EM realizado por meio da leitura em documentos disponíveis nos *sites* do IFG e do CNPq constatou-se que se trata de um nível de atividade científica recente, mas bastante promissora e necessária para o desenvolvimento do país;
- (2) o processo de orientação de IC-EM se revelou um momento ímpar de formação não só do discente, mas também do docente. Para o primeiro, trata-se de uma construção de conhecimentos inestimável, algo que irá carregar e continuar aperfeiçoando no decorrer da vida acadêmica e profissional dele. E, para o segundo, refere-se um desafio que pode promover discussões teóricas

¹ Relatório exigido até julho de 2012.

sobre o seu agir, bem como proporcionar mudanças de comportamento que (re)criação de recursos materiais e metodológicos para o enfrentamento dessa nova demanda. Verificou-se, por exemplo, que duas orientadoras estabelecem atividades a serem cumpridas pelos orientandos; (re)organizam o cronograma; tentam adequar a linguagem e o no como podem auxiliar os discentes;

- (3) o estudo do currículo, a pesquisa nos *sites*, a aplicação do questionário e a realização da entrevista corroboraram para a evidência de que o agir discente na IC-EM constitui um momento especial que envolve a transformação e desenvolvimento de pessoas, nesse caso: docentes e discentes, em que o agir de um regula o agir do outro, dadas as devidas proporções e a preocupação didático-metodológica do docente.

As considerações apontadas, anteriormente, condizem com a perspectiva de Bronckart (2006, p. 222) de que: “o professor só pode ser posto como ator na medida em que são tematizadas as possíveis reações dos alunos diante de suas intervenções, pois seu trabalho específico consiste justamente em efetuar uma constante negociação entre as prescrições oriundas dos princípios metodológicos e as reações concretas da classe”. Desse modo, as professoras pesquisadoras participantes do estudo realizado demonstraram que sabem ser atoras no sentido proposto por Bronckart (2006).

Segue, na próxima seção, a retomada das questões iniciais da pesquisa em forma de conclusão.

5 - Conclusão

Esta pesquisa de natureza qualitativa (SERRANO, 1994; LARSEN-FREEMAN; LONG, 1994; GRESSLER, 2003) caracterizada como um estudo de caso do tipo análise situacional, segundo Severino (2007a), que tratou a respeito das percepções e necessidades dos pesquisadores iniciantes na IC-Jr permite, por meio dos dados obtidos, agora, retomar as questões de pesquisa com suas respectivas respostas.

Em relação à primeira pergunta (1): Qual o perfil do aluno orientando nos projetos aprovados no Edital nº 12/2011-PROPPG, de 21 de dezembro de 2011, no IFG/Câmpus Jataí?, constata-se que os discentes apresentaram um perfil de comprometidos com a IC-EM, cientes dos desafios dessa atividade, bem como esperançosos de que ela constitui um processo formativo que pode impactar na vida futura deles. Pela análise do Currículo *Lattes*, pôde-se perceber que a participação discente em atividades técnico-científicas começa a ser mais significativas a partir do momento em que eles se engajam na pesquisa científica, nesse caso, na Iniciação Científica. Isso talvez se deva ao fato de estarem iniciando como pesquisadores e estão adentrando ao mundo que lhe cobra certos comportamentos e tipos de produções. Já em relação à análise dos questionários, observa-se que os discentes, de modo geral, estão conhecendo bem a Iniciação Científica e apresentam expectativas positivas quanto aos seus projetos. Nas entrevistas, os comentários corroboraram o perfil desenhado anteriormente: jovens interessados, críticos e cientes do valor da IC-EM.

No que tange à questão (2): que percepções o aluno orientando demonstra sobre o processo de orientação?, fica evidente que os alunos enxergam na IC-EM uma oportunidade para desenvolverem novas habilidades, construindo conhecimentos sólidos que tanto podem afetar o presente como ações futuras em contexto acadêmico e/ou profissional. Consideram a experiência ímpar e afirmam se esforçar para aproveitá-la.

No tocante ao questionamento (3): Em que consistem as necessidades do aluno orientando?, percebe-se que necessitam de metodologias de orientação condizentes com o nível acadêmico deles, já que creditaram muito valor às sessões de orientação, e em decorrência disso, materiais didáticos sobre pesquisa científica no Ensino Médio. Também, evidenciou-se que é necessário maior incentivo e esclarecimentos sobre o que é IC-EM e fomentar mais participações.

Severino (2007b, p.127) coloca que “a relação que faz a mediação entre o ato de ensinar e o ato de aprender é uma relação pedagógica, ou seja, não haverá ensino nem aprendizagem se não ocorrer entre docente e discente uma relação de intencionalidade, mediada por uma significação, pelo sentido”. Já para Bolzan (2002, p. 55) o principal é que a educação formal não objetivasse somente a promoção do desenvolvimento, mas que considerasse as condições cognitivas do aluno “a fim de que ele construa todos os conhecimentos possíveis, tanto em amplitude, quanto em profundidade. Nessa dimensão, a intervenção pedagógica direta ganha relevância”. A reflexão acerca desse processo de intervenção realizada pelo professor se revela de suma importância, pois a consciência dos modos de intervenção pode auxiliar em escolhas didático-pedagógicas mais apropriadas ao contexto de ensino-aprendizagem e ao gênero textual em estudo: a pesquisa científica.

Tendo em vista as palavras de Severino (2007b) e Bolzan (2002) a realização deste projeto avançou rumo a práticas pedagógicas positivas que impulsionam o desenvolvimento da pesquisa científica no IFG/Câmpus Jataí. Serve de alicerce para a construção de materiais didáticos de conteúdo e abordagem próprios para discentes do EMI.

6 – Perspectivas de continuidade ou desdobramento do trabalho

O projeto intitulado *“Iniciação Científica: percepções e necessidades de pesquisadores iniciantes”*, cujo término foi em janeiro de 2013, aponta para a necessidade de elaboração de um material específico para o desenvolvimento da Iniciação Científica no Ensino Médio (IC-EM), tanto no que tange à metodologia científica quanto para o ensino dos gêneros de escrita acadêmica. Assim, pode-se citar uma possibilidade de projeto – *Produção de material de leitura e escrita de texto acadêmico: adaptações teórico-metodológicas para IC-EM – que pode prever a criação de um material didático para o trabalho com a metodologia científica e com a leitura e escrita de texto acadêmico com ênfase nas seções do Resumo Expandido (RE), por exemplo.*

Os dados obtidos na pesquisa mostram que há uma carência de material didático de metodologia científica e escrita acadêmica, destinado para o público do ensino médio. Isso é considerado um problema para alunos de graduação que apresentam pouco domínio dos gêneros acadêmicos, bem como falta de conhecimentos sobre a pesquisa científica, como comentam Silva (2012) e Marinho (2010). As preocupações desses dois estudiosos se antecipam para o nível anterior à graduação: o Ensino Médio.

Vê-se, desse modo, a importância deste projeto tanto no âmbito institucional como para a sociedade acadêmica de modo geral. Acredita-se, pois que os impactos dos resultados incidirão não só no contexto imediato, mas, provavelmente, pode ser mais um instrumento útil para o desenvolvimento da pesquisa local, inclusive nacional.

A produção de material, proposta neste projeto, toma como subsídio o aporte teórico do estudo de gênero numa abordagem sociorretórica. Isso, porque se pensa que, por meio dessa abordagem, os jovens pesquisadores de IC-EM podem construir conhecimentos significativos em relação à prática social de elaboração de RE, e salvo adaptações, conhecimentos sobre a escrita do Relatório Final de Pesquisa.

A escolha da abordagem de gênero sociorretórica se deu, primeiramente, pelo fato de que há fundamentação teórica consistente em relação à análise de gênero sociorretórica, tendo como expoente fundador o linguista Swales (1990). E, a partir dele, há estudos substantivos no Brasil sobre essa abordagem e com ênfase na produção/análise de gêneros textuais acadêmicos, como por exemplo, Motta-Roth (1995), Santos (1995), Biasi-Rodrigues (1998), Bezerra (2001) e Aranha (1996, 2004) entre outros. São trabalhos que podem subsidiar as discussões e as escolhas para a concretização de um projeto de pesquisa que vise dar continuidade à questão de letramento científico aos participantes de IC-EM.

Acerca da adaptação de conteúdos sobre metodologia científica para iniciantes de IC-EM pode-se dar por meio da leitura e releitura de obras já tidas como básicas no mundo da pesquisa, como Severino (2007a); Marconi e Lakatos (2006); e, Gressler (2003) entre outros; e, a partir desse procedimento pode-se proceder à definição de um programa de temas fundamentais para o estudo e compreensão dos estudantes. Essa definição, também pode se dar pela reiteração dos temas nas obras selecionadas para análise e embasamento teórico, bem como nas atividades que o discente tem que desempenhar ao longo da participação dele num projeto de pesquisa.

7 – Publicações e participações em eventos técnico-científicos

Participações: no VII CONNEPI (Congresso Norte e Nordeste de Pesquisa e Inovação), realizado entre os dias 19 e 21 de outubro de 2012, em Palmas/Tocantins – IFTO; na 9ª Semana de Licenciatura, realizada de 05 a 07 de novembro de 2012, no IFG/Câmpus Jataí; e, na 16ª SEMANTEC (Semana Técnico-Científico-Cultural), realizada de 03 a 05 de dezembro de 2012, no IFG/Câmpus Jataí.

Publicações: artigo nos Anais do VII CONNEPI – Congresso Norte e Nordeste de Pesquisa e Inovação, 19-21/10 de 2012, Palmas, TO e Resumo Expandido na 9ª *Semana de Licenciatura em Física*, 05-07/11 de 2012, Câmpus Jataí.

8 – Apoio e Agradecimentos

Agradecimentos à agência de fomento CNPq e ao IFG pela Bolsa de Iniciação Científica. Também, estendem-se agradecimentos aos alunos pesquisadores do IFG/Câmpus Jataí pela participação na pesquisa.

9 – Referências Bibliográficas

ARRUDA, Gutemberg da Silva. **Os desafios para a iniciação científica no ensino médio integrado ao técnico**. Revista Igapó-2007/01, p. 38-44.

BOLZAN, Dóris Pires Vargas. **Formação de professores**: compartilhando e reconstruindo conhecimentos. Porto alegre: mediação, 2002.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, texto e discursos**: por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: Educ, 1999.

_____. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2006.

_____. **O Agir nos discursos**: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores. Campinas, SP: Mercado de letras, 2008.

_____. **O ensino de produção textual com base em atividades sociais e gêneros textuais**. Linguagem em (dis)curso- LemD, Tubarão, v.6, n. 3, p. 495-517, set./dez. 2006.

_____.; MACHADO, Anna Rachel. Procedimentos de análise de textos sobre o trabalho educacional. In: MACHADO, Anna Rachel (Org.). **O ensino como trabalho**. Londrina: Eduel, 2004, p. 131-166.

CASSANY, Daniel. **Oficina de textos**: compreensão leitora e expressão escrita em todas as disciplinas e profissões. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CIAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (Orgs.). **Ensino Médio integrado**: concepções e contradições. São Paulo: Cortez, 2005, p. 83-105.

Decreto nº. 5.154 de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 8. Ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2007.

FERREIRA, Cristina Araripe. **Concepções da iniciação científica no ensino médio**: Uma proposta de pesquisa. Revista Trabalho, Educação e Saúde, 1(1), p. 115-130, 2003.

_____. (Org.). **Juventude e iniciação científica**: políticas públicas para o Ensino Médio. Organização de Cristina Araripe Ferreira, Simone Ouvinha Peres, Cristiane Nogueira Braga e Maria Lúcia de Macedo Cardoso. - Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ, 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. A gênese do Decreto nº. 5.154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (orgs.). **Ensino Médio Integrado**: concepções e contradições. São Paulo: Cortez, 2005, p. 21-56.

GRESSLER, Lori Alice. **Introdução à pesquisa**: projetos e relatórios. São Paulo: edições Loyola, 2003.

LARSEN-FREEMAN, Diane; LONG, Michael H. **An introduction to second language acquisition research**. New York: Longman, 1994.

LOUSADA, Eliane Gouvêa. A abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo para a análise de textos. In: **Abordagens metodológicas em estudos discursivos**. São Paulo: Paulistana, 2010. Disponível em: <http://www.epedusp.org/llepedlivro/02.pdf>. Acessado em: 30/08/211.

MARCONI, Marina de A. & LAKATOS, Eva M. **Técnicas de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MASSI, Luciana; QUEIROZ, Salete Linhares. **Estudos sobre iniciação científica no Brasil**: Uma revisão. Cadernos de Pesquisa, v.40, n. 139, p. 173-197, jan./abr.2010.

MELÉNDEZ, Adriana Zúñiga; LEITON, Ruth; RODRÍGUEZ, José Antonio Naranjo. Nivel de desarrollo de las competencias científicas en Estudiantes de secundaria de (Mendoza) Argentina y (San José) Costa Rica. *Revista Iberoamericana de Educación*, nº. 56/2, 2011, p. 1-12.

MOURA, Dácio G.; BARBOSA, Eduardo F.; MOREIRA, Adelson F. **O aluno Pesquisador**. Trabalho apresentado no XV ENDIPE - Belo Horizonte/2010.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

Resolução nº196/96 - Conselho Nacional de Saúde/1996. Diretrizes e Normas Regulamentadoras sobre pesquisa envolvendo seres humanos SERRANO, Gloria Pérez. **Investigación cualitativa**: retos e interrogantes: I. Métodos. 2. ed. Madrid: Editorial La Muralla, 1994.

SERRANO, Gloria Pérez. **Investigación cualitativa**: retos e interrogantes: I. Métodos. 2. ed. Madrid: Editorial La Muralla, 1994.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007a.

_____. **Formação docente**: conhecimento científico e saberes dos professores. Ariús, campina, v.13, n.2, jul/dez. 2007b, p.121-132.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

10 – Bibliografia

ARANHA, Solange. **A argumentação nas introduções de trabalhos científicos da área de química**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) – LAEL/PUC-SP, São Paulo, 1996.

_____. **Contribuições para a introdução acadêmica**. 2004. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) Universidade Estadual Paulista – Campus de Araraquara, 2004.

ARRUDA, Gutemberg da Silva. **Os desafios para a iniciação científica no ensino médio integrado ao técnico**. Revista Igapó-2007/01, p. 38-44.

BAKHTIN, Mikhail. Gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão; revisão da tradução Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2000.

BEZERRA, Benedito G. **A distribuição das informações em resenhas acadêmicas**. Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza: 2001.

BIASI- RODRIGUES, Bernardete. **Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 1998

BRASIL. **Cultura científica**: um direito de todos. Brasília: UNESCO, 2003.

_____. **Ensino Médio no século XXI**: desafios, tendências e prioridades. Brasília: UNESCO, 2003. p. 94– (Cadernos UNESCO. Série Educação; 9).

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 8. Ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2007.

FILYPECKI, Ana et al. A visão dos pesquisadores-orientadores de um programa de vocação científica sobre a Iniciação Científica de estudantes de Ensino Médio. **Ciência e Educação**, v. 12, n. 2, p. 199-217, 2006.

LOUSADA, Eliane Gouvêa. A abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo para a análise de textos. In: **Abordagens metodológicas em estudos discursivos**. São Paulo: Paulistana, 2010. Disponível em: http://www.epedusp.org/ilepedlivro/02_pd. Acessado em: 30/08/211.

MARCONI, Marina de A. & LAKATOS, Eva M. **Técnicas de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MARINHO, M. A escrita nas práticas de letramento acadêmico. In.: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo horizonte, v. 10, n.2, 2010, p. 363-386.

MOTTA-ROTH, Désirée. **Análise Crítica de Gêneros: Contribuições para o ensino e a pesquisa e a pesquisa de linguagem**. D.E.L.T.A., 24:2, 2008 (341-383).

_____. **O ensino de produção textual com base em atividades sociais e gêneros textuais**. Linguagem em (dis)curso- LemD, Tubarão, v.6, n. 3, p. 495-517, set./dez. 2006.

SANTOS, Mauro Bittencourt dos. **Academic Abstracts: A Genre Analysis**. Dissertação (Mestrado em Inglês) – UFSC, Florianópolis, 1995.

SILVA, Elizabeth Maria da. **Resumo acadêmico em sala de aula: uma experiência com graduandos em geografia**. Anais do SIELP. Vol 2, n1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

SWALES, J. **Genre analysis: English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

11- Apêndice

Apêndice A

Foram utilizados alguns “códigos” para representar maneiras de fala ou expressão dos entrevistados, conforme quadro abaixo:

Código	Significado
	Pausa
Rrsrs	Risos
::	Prolongação dos sons das letras
Né	Negrito para repetições
<i>Tipo</i>	Itálico para linguagem coloquial

Apêndice B

Constam os dados das entrevistas com os seguintes critérios para melhor entendimento: as respostas foram divididas em duas classificações. No lado esquerdo da tabela, estão citadas as opiniões semelhantes, e do lado direito, estão citadas as diferenciadas.

1. Você conhece o PIBIC por ser bolsista ou já conhecia esse programa antes? E o que te motivou a participar do PIBIC?	
A1: Eu já conhecia antes, no primeiro ano... no primeiro contato que eu tive com a escola , nas palestras e tal, eles falaram desse programa e eu me interessei muito e aí, depois eu... eu resolvi me tornar bolsista	A2: Bem, eu não conhecia o PIBIC. Eu conheci através de uma professora, que me mostrou o que fazemos nesse programa. E a partir daí, me interessei.

porque eu queria ter esse complemento do meu currículo e tal e ia ser uma ótima oportunidade pra mim.	
A4: Eu conheço o PIBIC há... quando eu comecei em 2009, eu tinha vontade de ser bolsista de depois... que eu entrei no projeto eu conheci mais um pouco. O que me motivou foi... ter novos conhecimentos e trazer para as pessoas o conhecimento que a gente quer aprofundar.	A3: É... eu passei a conhecer agora... e o que me motivou a participar do PIBIC, foi um incremento no meu currículo.
A6: Antes de ser bolsista, é eu já tinha conhecimento sobre o PIBIC, através de alguns amigos que participava, é... e o motivamento, é pra.. o meu motivamento maior foi pelo fato de que, é... o projeto que eu to realizando, ele é na área do meu curso, então quando eu fui informado é... fui perguntado se eu gostaria de participar.. achei bastante interessante por ser na área do meu curso e... se tratar de alguns, é.. alguns assunto que eu entendo um pouco.	A5: Na verdade eu não conhecia o PIBIC antes de ser bolsista. E quem me motivou foi a minha mãe que trabalha na instituição e disse que era uma boa oportunidade pra me aprimorar... também por causa da bolsa e foi assim, por esse motivo.
2. Você acha que o CNPq é justo nas escolhas de projetos? O período da bolsa é suficiente para a realização do projeto?	
A1: Ah, eu acho que sim, acho que existe uma equipe que escolhe os projetos e escolhe de acordo que o CNPq, que eles julgam certo, então acho que é justo sim. E quanto ao período da bolsa, 11 meses, isso depende muito do projeto, se for um projeto que exige estudos mais amplos, com certeza se houvesse um tempo maior... Eu acho que deveria haver uma avaliação de acordo com cada projeto e o tempo que deveria... o tempo de realização.	A2: Acho justo pelo fato da influência de um desempenho maior. Acho suficiente, embora as pesquisas sejam intensas.
A4: Eu acho sim que é justo pelos projetos que... visa a um novo conhecer as pessoas e... eu acho que o período dele depende do projeto. Tem projeto que você precisa de mais tempo pra ser desenvolvido e tem projeto que dá pra ser desenvolvido antes do tempo dado, então isso é relativo.	A3: Bom, eu nunca passei por uma seleção, então, por enquanto acho que sim. Quanto ao período da bolsa, acho que é suficiente sim, porque estou até adiantado já.
A5: Existem muitos projetos interessantes que são meio que... desconsiderados, mas eu acho um pouco justo sim... os que são escolhidos, são sempre bons assim, sabe... interessantes. E o período da bolsa não acho que seja muito suficiente pra realização, porque uns são bens grandes, bem extensos, cansativos e as vezes, não dá certo.	A6: Bom, é... a respeito das escolhas dos projetos eu não tenho muito a dizer, mas o período pra realização da bolsa, no meu caso, eu creio que vai ser suficiente.
3. Como você relaciona a leitura dos textos teóricos com a sua pesquisa? Qual o papel do orientador nesse processo de leitura?	
A2: Os textos teóricos são importantes para a realização da minha pesquisa. A minha orientadora ajuda bastante a buscar cada vez	A1: É... as leituras são muito produtivas no começo, quando você não tem muita noção do que você esta fazendo, aí você lê os textos e aí você

mais pistas para o aprofundamento da pesquisa.	tem um conhecimento mais amplo sobre sua pesquisa e é muito bom. Mas é claro que, na maioria dos textos é... que você lê, são destinados a graduação, então é um pouco, são uns temas difíceis, aí que o professor orienta para tentar ajudar a entender algumas coisas, algumas palavras ou algumas frases, e... entender o contexto geral.
A5: No caso do meu projeto, os textos teóricos foram muito importantes, porque eles são à base do meu projeto, eles, como é que fala... são, o básico que eu preciso pra fazer o projeto vários é... textos teóricos. O orientador nesse processo é uma coisa muito boa, porque a minha orientadora, ela, por exemplo, ela participou dessa época que a gente ta estudando os textos, no caso dos textos, ela sabe um pouco sobre o que foi..., ela explica às vezes a letra não é muito legível.	A3: É... Meu orientador, é... auxilia na busca de documentos, desses documentos a gente procura saber se é as leis, e se essas leis são aplicadas... É... na prática sobre educação ambiental nos cursos de PROEJA de edificações.
	A4: O embasamento teórico é muito importante pra você ter noção do que você... quer estudar realmente, as suas metas a ser desenvolvidas, seu objetivo pra ser alcançado e... o papel do orientador é me orientar corretamente com o que eu quero chegar, minha meta, então se eu tenho objetivo de chegar a algum lugar, ele vai me orientar... Você lê isso para que isso vai ter um bom... como se diz... Você vai conseguir chegar lá mais fácil, por esse caminho, vai ser uma orientação mais viável.
	A6: Bom... a revisão bibliográfica, ela é de suma importância pra realização da parte prática do projeto, pra... você ter uma base, é... um ponto de partida, na verdade, então é... ela é muito importante. E o mesmo, o orientador, ele também é muito importante para auxiliar e pra tirar algumas dúvidas que nós que estamos começando no projeto científico, que nunca tínhamos feito antes, algumas dúvidas que são frequentes e que... o orientador tem esse papel de... buscar a melhor solução e de nos...é, nortear por esse caminho.
4. Comente sobre sua participação em palestras e cursos oferecidos dentro ou fora da instituição. Como você transforma essas participações em dados para o seu Currículo Lattes?	
A2: Eu ando participando de um curso e pretendo colocá-lo no meu currículo.	A1: Bom, eu conheci o currículo Lattes quando eu me tornei bolsista do PIBIC, então faz pouco tempo, faz menos de um ano que eu, é... atualizo o meu currículo... E as palestras e cursos é todos que eu posso participo e ... eu tenho muito já e eu... procuro atualizar sempre meu currículo Lattes com esses cursos e os de fora... Eu faço curso de inglês e eu também tento atualizar de acordo com o que eu sinto melhor da língua.
A5: Eu costumo participar bastante de palestras e cursos oferecidos aqui, porque eu acho que é interessante, e assim... é uma oportunidade pra gente mesmo. Agora como	A3: É... Eu ainda não tive oportunidade de participar de um evento desses, mas está previsto um para o mês que vem. É... e eu pretendo participar a partir de agora.

<p>eu transformo no currículo Lattes, é uma coisa meio assim... rsrs é eu vou ser sincera, eu... não coloco no currículo, eu não coloquei ainda no meu currículo, porque eu não peguei nem mesmo os comprovante que eu tava lá, então é meio que... acho que precisa de um comprovante de que eu tava lá mesmo, sabe... certificado... pra poder colocar lá.</p>	
<p>A6: A minha participação é... em palestras e cursos oferecidos pela instituição, ela é... eu participo sempre com que eu tenho tempo, assim... que dá pra adequar, é, o meu estudo a participação. Que as vezes as palestras é um horário que tem aula, então as vezes não dá pra participar, mas eu busco sempre que dá, que dá pra participar, eu busco tá participando, porque eu acho que é importante pro currículo e até o momento, eu ainda não registrei essas palestras, essas...participações no meu currículo, mas eu pretendo sim, preencher, é.. essa parte no currículo.</p>	<p>A4: Assim, eu sou uma pessoa muito participativa, mas por falta de tempo, ultimamente eu não ando participando muito, mais eu tenho muitos cursos feitos na escola, e fora da instituição, e... para mim isso faz eu enriquecer grande no meu currículo Lattes. Posso ser uma profissional mais capacitada no futuro e teria um peso muito grande.</p>
<p>5. É importante ter compromisso com as sessões de orientação? Você encontra muitas dificuldades em fazer o relatório mensal? Comente.</p>	
<p>A5: É muito importante ter compromisso com os horários, as sessões porque é um, uma hora que a gente resolve os problemas, que a gente junta pra ver o que vai acontecer, o que vamos fazer... É... o jeito que cada um vai separar os horários, ver o que que a gente tem que fazer também, tudo isso é muito importante. E... eu não encontro muitas dificuldades em fazer o relatório, mas é.. as vezes fica um pouco repetitivo, o relatório porque... porque a gente acostuma, como que eu posso dizer, que... a gente costuma é... ter algumas dificuldades assim no projeto e que colocar todas elas no relatório, as vezes fica muito... repetitivo, como eu falei né?!</p>	<p>A1: Acho que é importante sim, frequentar as sessões... É claro que tem aqueles dias da sessão que não dá pra você ir, mas sempre, sempre, ter isso como compromisso é quase , na mesma ordem de importância de não faltar à aula, na escola, é muito importante você ir em todas as sessões de orientação para poder aproveitar o máximo essa oportunidade da gente ter esse contato com a pesquisa e... Fazer o relatório mensal eu não encontro muitas dificuldades não, o relatório mensal é bem simples, eu só uso comentar sobre o que você fez no mês, quais foram as dificuldades e eu particularmente, não tenho nenhuma dificuldade.</p>
<p>A6: Bom as sessões de orientação, como eu havia dito antes, elas são muito importantes, é... pra tirar dúvidas, pra você... é... saber o que vai ser o próximo passo. Então, é... o compromisso com essas sessões, é... muito importante, é... pelo fato de que você tem que saber o que você tem que fazer, como você é aluno, as vezes você não tem muita noção do que você tem que fazer. Então, no caso o orientador, ele te dá esse noção, ele te... acompanha nesse processo de iniciação, então, é... sempre bom que haja um... encontro que seja bom pros dois lados, assim, questão de horário... então a gente tenta adequar isso daí, é... e as dificuldades pra fazer o relatório mensal, até então, não tive dificuldades, porque... é... o nosso projeto, ele tá tendo um andamento legal, então... eu não tive dificuldade pra fazer</p>	<p>A2: Se eu tiver um bom desempenho durante o mês, tenho facilidade em fazer os relatórios. As reuniões são de extrema importância para a orientação do que deve fazer.</p>

o relatório.	
	A3: Bom, a respeito das sessões de orientação, isso é vital. Já as dificuldades em fazer o relatório mensal, não encontro nenhuma. Às vezes... acho melhor que fosse trimestral.
	A4: É... eu acho muito importante a gente ter orientação, eu tenho orientação semanalmente com a minha orientadora. Tem dia que é diariamente a gente se encontra, conversa a respeito do projeto e sobre o relatório mensal, eu não tenho dificuldade. Eu tinha no início quando eu comecei, nos meus primeiros projetos, mais agora não tenho dificuldade nenhuma.
6. Como você se avalia como bolsista?	
A1: Ah... é difícil você se avaliar, mais assim... rrsrrs eu acho que eu sou uma boa bolsista sim. Vou em todas as sessões, faço todas as tarefas, leio todos os textos e... procuro sempre ser mais crítica e abrir muitas questões para poder colaborar com a pesquisa... Porque a pesquisa não é só o orientador que pesquisa, a pesquisa é um conjunto em busca de um resultado bom!	A2: Não me avalio, apenas tento dar o máximo de mim.
A3: Eu acho que sou um bom bolsista, pois sou responsável e não falto com os meus deveres.	A4: Eu corro muito atrás dos meus ideais, então... eu me saio uma bolsista... é até, vamos dizer, agora a palavra sumiu... Eu procuro aprender, o que eu aprendo e tento passar para outras pessoas, eu tento trazer um olhar social ao que... eu to desenvolvendo, então não é só pra mim, que eu... procuro aprender, procuro mostrar para os outros o que eu estou aprendendo também.
A5: Ah... eu me acho uma boa bolsista... Eu tento me esforçar, tento fazer o projeto da forma correta, até mesmo nos horários fora, assim... eu me esforço bastante com a pesquisa e tal.	A6: Como bolsista, eu tento sempre cumprir, é... da melhor forma possível que me foi proposto, só que as vezes por indisponibilidade de tempo, é... alguns... algumas... coisas que eu tenho pra fazer, elas são adequadas de acordo com a minha disponibilidade . Então é... agente entra em acordo nessa parte aí... então, eu acho que como bolsista, é... eu sou... é... eu tento agir da melhor forma possível com responsabilidade, então é... é isso.